

EBER RODRIGO CAIZER FERREIRA
PEDRO HENRIQUE LAZARINI BRAGA

O MERCADO ESPORTIVO NO UNIVERSO FEMININO

BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

DOCTUM – MINAS GERAIS

2020

EBER RODRIGO CAIZER FERREIRA
PEDRO HENRIQUE LAZARINI BRAGA

O MERCADO ESPORTIVO NO UNIVERSO FEMININO

Projeto de monografia apresentado à banca examinadora da Faculdade de Administração das Faculdades Doctum de Ipatinga-MG, como requisito parcial de detenção do título de Bacharel em Administração.

Professor Orientador: Msc. Vagner Bravos Valadares

Área de Concentração: RH no ambiente esportivo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diferença salarial entre os sexos em alguns esportes.....	15
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de reportagens e percentuais sobre o total de matérias em agosto-setembro/2002 e fevereiro e março/ 2003.....	16
Tabela 2 - Média em número de palavras por reportagem em três meses analisados.	16

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO TEMÁTICA.....	6
JUSTIFICATIVA.....	7
PROBLEMATIZAÇÃO.....	8
OBJETO DE PESQUISA	25
PROBLEMA DE PESQUISA	25
OBJETIVO GERAL.....	26
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	26
HIPÓTESE	27
METODOLOGIA	29
ÍNDICE HIPOTÉTICO	31
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	32

APRESENTAÇÃO TEMÁTICA

A progressiva evolução do mercado financeiro e suas práticas socioeconômicas entraram no mundo esportivo com intenção de valorizar e fortalecer o trabalho que os atletas executam. Com isso, a presença da mulher impõe as novas políticas mercadológicas nas modalidades esportivas seguidas, que vem desde a luta de classes e por profissão desde o século XX até os dias atuais.

O crescimento da prática de esportes de alto nível envolvendo competições importantes para mulheres ganha constante visibilidade e espaço no cenário financeiro e social. Todas as atletas buscam por igualdade na valorização no mercado em termos salariais e contratuais perante aos homens, independente de qual é a prática de esporte realizada, Por mais que as transmissões e o comparecimento presencial do público nas competições estejam ganhando cada vez mais atenção e notoriedade, constata-se que ainda há uma vasta desigualdade salarial e comercial entre os gêneros. A popularização de movimentos sociais em busca de igualdade social, de trabalhista e financeira é um passos a ser tomado com eficiência, pela sociedade e pelos profissionais, com ênfase naquelas pessoas que estão ligadas ao esportes, como: atletas, empresários, comitês olímpicos nacionais, diretoria de clubes, assembleias esportivas, patrocinadores, colaboradores, investidores, jornalistas e telespectadores. Estes são os principais promovedores da ética e moral econômica nos esportes, assim como, a presença feminina valorizada e respeitada.

Palavras-chave: Mercado, esporte, mulheres, desigualdade, econômica.

JUSTIFICATIVA

O mundo do esporte é sempre imprevisível e extraordinário, visto que ele traz diversos sentimentos, ações, valores, preços e promoções na vida dos atletas e do telespectador. Sendo assim, a força que se tem investido no setor esportivo, principalmente para as mulheres, é a demonstração de que os princípios do mercado financeiro veem se igualando entre os gêneros perante os fatos atuais, que nos últimos anos tem se tornado destaque as modalidades de esporte praticadas por atletas do sexo feminino tem se destacado. Isso se deve ao fato da visibilidade e credibilidade com o público, que apoia essas mulheres na luta pela igualdade social, respeito, dignidade, honra e reconhecimento socioeconômico profissional e privado.

Em termos acadêmicos, a importância de retratar esse assunto no direcionamento da administração de recursos humanos e análise de viabilidade financeira veem do fato de que a situação mercadológica no universo feminino em tempos modernos, sofre com ataques misóginos e machistas. Isso inclui comentários de abuso, assédio e de desmoralização pelo gênero, além do preconceito e desigualdade se tratando de contratos, remuneração, cargos, condições adversas e oportunidade de carreira no meio esportivo.

PROBLEMATIZAÇÃO

A evolução que o mundo passa dia após dia é grandiosa e surpreendente, e conseqüentemente o crescimento das mulheres em convivência ou prática de esportes é exponencial perante toda a realidade existente desde as dificuldades passadas para obter espaço e direito de executar quaisquer modalidades esportiva.

O que marca a presença da mulher nesse cenário é a figura que se cria perante ao ser feminino, que por sua vez, em análises sociais e culturais, segundo FARIA, Lívia Faria (2019), “ a falta de segurança, o preconceito, a falta de incentivo nas escolas, todos esses, são fatores que devem ser apontados quando se constata que os esportes não têm o mesmo acesso e valorização entre homens e mulheres”.

Conforme os anos se passam, o esporte acompanha constantemente a evolução dos atletas e implementa novas modalidades e atividades esportivas. Porém é quase impossível ou raro ver uma mulher sendo destaque como pioneira devido aos holofotes estarem sempre direcionados a velocidade, força e desempenho do homem em relação ao exercício, frequentemente isolando e ignorando com frequência a indução e presença feminina na modalidade.

De acordo com SPESSOTO, Rubens (2008, p.1) o mundo dos negócios faz com que haja esse rebaixamento da figura feminina em relação ao esporte, porque muitos investidores, patrocinadores, sócios, empresários, críticos, jornais, imprensa e até mesmo a sociedade veem que a promoção vinda de um homem praticando aquela atividade, pode gerar mais lucro e retorno financeiro para as empresas e instituições esportivas. Com isso há certo esquecimento da figura da mulher, mesmo com toda sua determinação, destreza, qualidade, títulos, históricos impecáveis, prêmios e principalmente garra.

Assim também, diz FRASCARELI, Lígia (2008, p.10), essas características da mulher em relação a entrega de resultados e dados são valorizadas somente como fator de vitória e métodos comparativos no desempenho e movimentação das atletas diante à execução do esporte. Ainda segundo FRASCARELI, Lígia (2008, p.52), em questões financeiras, econômicas e administrativas é um projeto que não entra no planejamento e na direção empresarial das atletas simplesmente por serem mulheres.

De acordo com a divulgação de uma redação cujo o tema retrata os desafios da inclusão da mulher no esporte, é notável que:

Dentre os inúmeros motivos que levam à desigualdade de gênero, pode-se citar a supervalorização das características físicas do sexo masculino em relação ao feminino, manifestada por agressividade e ofensas. Para muitos, atividades como o futebol, basquete, lutas entre outros esportes, devem ser realizados apenas por homens por exigirem uma maior força e agilidade. Assim, a recusa de igualdades de direitos entre os sexos pode acabar constituindo uma grande dificuldade para mulheres que objetivam uma carreira no esporte (BACKUP1000, 2018).

Os recursos humanos que do mercado de trabalho no âmbito esportivo passaram por processos de reestruturação que mudaram o conceito dos esportes que vigoravam, desde os primeiros jogos olímpicos modernos até Londres 2012. Antes vistos somente como meio de prática de exercício a ser executada por homens, sofreu e ainda passa por mudanças contínuas, evolutivas e progressivas com resultados eficazes diante a implementação da mulher em diversas modalidades esportivas. Apesar disso, o vislumbre na parte financeira não é igualitário ou parcial com relação às condições que os atletas do sexo masculino recebem, mesmo exercendo a mesma profissão, sendo que os fatores principais são o machismo e desigualdade de gênero. Ainda sobre a dificuldade da mulher nos esportes, observa-se que:

Em virtude dos fatos analisados, é essencial superar as dificuldades enfrentadas pela mulher no esporte. Para que isso ocorra, o governo precisa incentivar e investir com verbas e patrocínios clubes femininos. As escolas, na aula de educação física, devem promover a interação de meninos e meninas em um mesmo esporte. As famílias precisam colocar, desde a infância, seus filhos nos mais variados esportes para mostrá-los do que são capazes (ALVES, Nathália, 2016).

As condições mercadológicas do esporte são extraordinárias com profissionais no ramo recebendo salários astronômicos e surreais, destacando-se os atletas do boxe, luta livre, tênis, basquete, futebol americano e futebol sendo que, majoritariamente os maiores salários do mundo esportivo são dos homens. Porém, de acordo PRONI, Marcelo W. (1998, p.5) isso se torna um problema fatal devido a forma de julgamento e democratização de leis e decretos das confederações e comitês esportivos de cada instituição, clube e seleção nas condições ofertadas as mulheres.

Mas constantemente esse fator de imparcialidade está sendo derrotado, porque com a força, garra, determinação e apoio da torcida e dos telespectadores, o mundo do esporte no sexo feminino está ganhando espaço e respeito. Entretanto, veja o que diz Gabriela RIBEIRO, Gabriela (2016, p.1): “apesar dos feitos positivos que o sexo

feminino tem conquistado nas mais diversas modalidades, é difícil prever quando a sociedade vai encarar ambos os circuitos de forma paritária”.

Os métodos utilizados pelas equipes e organizações esportivas, desde o presidente até a atleta que está ingressando no ambiente esportivo, sofrem com a falta de recursos, valorização e investimentos que podem ser ofertados e direcionados a carreira da mulher no esporte. Mesmo que ambos os sexos realizem as mesmas competições, em mesmo nível e potencial, e com entrega de resultados similares ou até melhores e mais visualizados pela sociedade, as mulheres não conseguem agregar no crescimento perante o rendimento no mercado o equilíbrio financeiro entre homem e mulher. De acordo com essa realidade, segundo a jornalista da Revista Exame:

Além da baixa representatividade nas gerências das federações esportivas, a carreira das atletas passa por obstáculos financeiros. O suor para estar em competições nacionais e internacionais de alto nível é o mesmo para homens e mulheres, mas não raramente as recompensas são menores para elas (MAZOTTE, Natalia, 2016).

Os esportes modernos tem diversas modalidades, funções e práticas de exercícios diferenciados, que exigem vigor físico e desempenho sempre em alta para que os atletas possam ser reconhecidos e valorizados no mercado. Porém ainda não há essa igualdade socioeconômica em analogia as condições financeiras dos atletas do sexo masculino, sendo uma problemática cada vez mais difícil de aceitar perante as leis, decretos, direitos e ordens judiciais, arbitrárias e cíveis que foram criadas para favorecer a flexibilidade e liberdade de exercer as profissões em todos os esportes. Com isso, criou-se mais espaço e visibilidade por meio de veículos de comunicação e mídias sociais, mas de acordo com o artigo publicado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, é ressaltado que:

Entretanto, mesmo ocupando este grande espaço nos meios de comunicação, o esporte ainda é ao mesmo tempo um dos setores que apresenta continuamente uma grande desigualdade no trato e nas oportunidades entre homens e mulheres - e também permanece um campo que procura enrijecer e mesmo antagonizar o feminino do masculino (SOUZA, Juliana; KNIJNIK, Jorge. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, n.1, 2007, p.38).

A atual luta enfrentada por atletas mulheres visa à implementação das organizações esportivas que possam representá-las na busca pela igualdade de

gênero no setor comercial em que seja agregado realmente o valor pela execução do trabalho. No entanto, em termos de execução do serviço, muitos atletas tem um retorno positivo com performance e resultados vitoriosos que fazem essas mulheres chamarem atenção do mundo do esporte desde quem pratica até os telespectadores mirins, que se encantam com o empoderamento do sexo feminino com presença forte, dominante, aguerrida, perseverante e batalhadora em todas as modalidades e estilos de esportes existentes em tempos modernos. Contudo, todas essas qualificações e quantidade de frutos obtidos não é fator para aderir os retornos econômicos. Mesmo exercendo cargos ou funções semelhante aos dos homens, com analogia aos fatos, segundo publicação do site EBC em 2016, tem-se que:

Elas são tão boas quanto eles, mas na hora de buscar patrocínio a diferença do sexo pesa. Do boxe ao golfe, as mulheres escreveram seu nome na história dos esportes, mas os salários ainda não acompanharam (PÓSSA, Nanna. **Radioagência Nacional**, 2016).

A feminilidade também é ponto de discussão com relação à prática de esportes no meio, gerando preconceitos tanto de homens para com as mulheres como também de mulheres para mulheres. É comum de se observar mulheres praticando esportes sendo achincalhadas com termos pejorativos que independem de sua opção ou orientação sexual. De acordo com Adelman (2003), "para a mulher ter a "verdadeira feminilidade", ela deve ser meiga, gentil e fisicamente frágil ou amorosa, sensível e delicada".

Outra questão levantada é com relação à profissionalização das mulheres, que muitas vezes em função da família, abrem mão da carreira esportiva. Esta heteronormatividade quase não existe, pois os homens nem sempre abrem mão para ficar com os filhos aos finais de semana para que suas companheiras possam treinar, é o que defende a Revista do observatório Brasil da igualdade de gênero (MENICUCCI, Eleonora. *Mulheres no Esporte*, 2014, p. 8).

Para Goellner (2012) "existe um assédio moral e sexual, erotizando o modo como se referem às atletas e subvalorizando o esporte como sua ocupação profissional".

O esporte de uma forma universal representa também um espaço onde se refletem valores culturais de cada sociedade na qual é praticado, reproduzindo seus sistemas hierárquicos e suas peculiaridades sociais, ou seja, não condiz com seus

fundamentos a exclusividade da prática masculina. Segundo artigo publicado pela Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, Carla di Pierro (2007, p. 3) traz a seguinte referência:

Para Helal (1990, p.3), o esporte deve ser encarado como algo que foi construído socialmente, este é um pensamento que vai além dos esportistas, que vê o esporte como um fenômeno universal e também como um modelo de realidade social, em especial quando confrontado com as perspectivas de ascender socialmente e economicamente.

Há também a questão do preconceito, com relação à condição única e exclusiva da mulher, que é a maternidade, sendo que ela impõe a necessidade da ausência por longo prazo no esporte, acrescentando-se o afeto grotesco nas questões econômicas e mercadológicas sobre seus rendimentos tanto como atleta e financeiramente. De acordo com Papila (2013), há errado senso que diz que uma mulher que não gera frutos não pode ser uma boa companheira, e associando pensamentos machistas com relação a participação feminina no esporte, ocorria sempre a ideia de um corpo que se tornaria incapaz de produzir ciclos de gestações, um corpo bruto, estéril. Hoje sabe-se que muito pelo contrário, o exercício físico se faz além de extremamente recomendável, muito saudável.

O restabelecimento dos Jogos em 1896 não previa a participação feminina, segundo Barão de Coubertin o idealizador dos Jogos Olímpicos Modernos, as atividades atléticas faziam as mulheres parecerem indecentes e grotescas, e pressupostos médicos preconizavam que a atividade física poderia comprometer funções maternas (COBERT *apud* DEVIDE, 2002).

A ênfase dos problemas convvidos pelas mulheres no esporte se atem também diante os tempos da discriminação sexual desde a Grécia antiga, em que era vetado a participação feminina nos jogos que honravam aos deuses gregos de forma competitiva. Apesar disso, existia uma fração mínima na participação passiva das sacerdotisas, deixando assim uma certa incoerência no ar, para aquelas que desejavam indagar sobre seus direitos.

Nesse período, as mulheres eram privadas da vida pública e econômica, conseqüentemente, eram proibidas de assistir e participar dos Jogos Olímpicos, sob a pena de morte conforme regulamento dos jogos. No entanto, a participação passiva das sacerdotisas era permitida. Elas eram reverenciadas como mensageiras dos deuses, traziam boa sorte aos participantes e eram responsáveis pela entrega da coroa de oliveiras para os vencedores (CHIÉS, 2006).

Ao tratar de mercado esportivo no universo feminino, percebe-se a influência das atletas em assuntos como vestuário, sendo comum observar *digitais influencer* utilizando e até mesmo mesclando artigos esportivos com roupas casuais, ditando assim uma moda advinda do esporte. No entanto, em função da grande vazão de produtos esportivos serem destinados em sua grande maioria ao público masculino, o feminino fica de certa forma na marginalidade mercadológica.

Analista de moda indicam que o uso desse tipo de produto se quer está alinhado com a pratica de esportes por parte das mulheres: nos últimos tempos, por exemplo, a moda adaptou a combinação entre vestido e tênis – e nas redes sociais é comum ver indicações de como fazer as diferentes versões entre os dois (O Paraná. **Maioria no mercado, fabricantes miram em produtos esportivos para mulheres**, 2019, p.1).

A presença das mulheres no esporte sofre com algumas metodologias preconceituosas, rudimentares e desiguais. Em decorrer desses fatos, observa-se que as dificuldades vistas em diversas modalidades são surreais e preocupantes. Algumas áreas esportivas têm sido afetadas drasticamente nas questões financeiras, mesmo em tempos modernos, no que se refere aos benefícios salarias e premiações. Nesse sentido, destaca-se o voleibol e futebol feminino onde a desigualdade de gênero gera um desequilíbrio econômico, e circunstâncias pejorativas no envolvimento empresarial e social. À medida que esses problemas existem, é possível destacar esse fator agravante no esporte. A título de exemplo, transcreve-se episódio de flagrante discriminação, ocorrido em 2016:

Em um caso que ganhou destaque recentemente, o time brasileiro vencedor da Liga Mundial de vôlei feminino de 2016 levou pra casa um cheque de 200 mil dólares, valor cinco vezes inferior ao recebido pelo primeiro lugar da Liga Mundial masculina (MAZOTTE, Natalia. **Revista Exame**, 2016, p.1).

As dificuldades sociais enfrentadas pelas atletas e mulheres em geral é o fator agravante perante essas condições mercadológicas. Os dados no ambiente administrativo em comparação ao cenário moderno são desfavoráveis de acordo os resultados estatísticos divulgados por portais de pesquisas que aponta em várias modalidades esportivas uma diferença elevada, em vista que isso é denominado pelos critérios e decisões metódicas pelas federações e comitês esportivos em todos os países, inclusive o Brasil, onde há uma segregação entre o fluxo e oportunidades para

as mulheres realizarem os esportes sem terem os julgamentos radicais e serem submetidas a opressões e imparcialidades vindas pelo universo do esporte diante seus conselhos, organizações, assembleias e sindicatos. Em comparação a essa temática vivenciada:

É possível afirmar que desigualdades de gênero desfavoráveis às mulheres estão mais presentes no campo das atividades físicas e esportivas como lazer do que das atividades físicas inseridas no cotidiano e na rotina diária dos sujeitos. Escolaridade, renda e raça são marcadores sociais de diferença importantes nesse campo, pois pessoas negras ou pardas, de menor escolaridade e menor renda, realizam atividades físicas e esportivas com menor frequência quando comparadas a brancos, de maior escolaridade e renda. Tais desigualdades também estão associadas ao mundo do trabalho profissional e doméstico. As persistentes desigualdades de gênero na renda e no tempo ocupado com o trabalho doméstico e com tarefas de cuidado restringem o tempo disponível de mulheres para a prática de atividade física e esportiva de lazer (PNUD, 2017b; ALTMANN, Helena. Unicamp, **Atividades físicas e esportivas e Mulheres no Brasil**, 2017).

A discrepância entre as premiações e bonificação ofertadas entre as mulheres e homens chega a ter entre 2 até 234 vezes de diferença de valores, As maiores defasagens a respeito dos problemas da bonificação superior que atletas do sexo masculino recebem em quaisquer tipos de competições, resultados, conquistas ou desempenho na execução das atividades físicas, ocorrem no futebol e no basquete (RIBEIRO, Gabriela, 2016).

Encontra-se no ténis a menor diferença entre essa desproporção entre os sexos. Entretanto, o foco da modalidade esportiva está sendo parcial para todos, por ser um esporte com ícones mulheres com resultados melhores e até mesmo surpreendentes quando os dados são comparados pela ATP (Associação de Tenistas Profissionais) e pelos estudos feitos pela imprensa e críticos do esporte que apuram a partir de opiniões e análises públicas, assim como, buscam saber dos investidores, colaboradores, patrocinadores e gerentes como anda o desempenho dos atletas e como sua imagem está sendo propagada.

Ícone do esporte feminino, Serena Williams teve o melhor aproveitamento entre tenistas homens e mulheres na temporada 2015 ao vencer 94,64% dos jogos que disputou. Mesmo assim, a norte-americana embolsou somente metade do que o número um do mundo, o sérvio Novak Djokovic, faturou com premiações de torneios. Os dois atletas venceram exatamente a mesma quantidade de competições na temporada passada, em que cada um levantou o troféu 11 vezes (RIBEIRO, Gabriela, 2016).

Figura 1 - Diferença salarial entre os sexos em alguns esportes.

Quantas vezes os homens ganham mais que as mulheres?

Se comparados os salários e ganhos mais altos das principais modalidades na temporada 2015, em competições, o circuito masculino fatura mais que as mulheres em todas.



Obs.: os valores se referem ao jogador mais bem pago em comparação à atleta de maior salário

Fonte: (RIBEIRO, Gabriela. **Mais Esportes**, 2016).

No mundo grandes atletas que são exemplos para as mulheres que enfrentam uma constantemente batalha pela igualdade social, como: a futebolista Marta, as tenistas Serena Williams e Maria Sharapova, que durante todo o período que exercem suas profissões, encontram barreiras dentro e fora dos ambientes de trabalho. No Brasil, o preconceito generalizado pelo sexo é grande. É visto em diversos clubes e até mesmo na Seleção Brasileira de Futebol e Voleibol o desequilíbrio econômico voltado aos esportes, em que são submetidas a aceitarem os segmentos e diretrizes impostas a elas. Conforme o portal da ONU do Brasil em 2019, em entrevista a eleita seis vezes melhor jogadora do mundo e atual artilheira com maior número de gols em Copa do Mundo entre homens e mulheres:

Marta tem como compromisso lutar para garantir que mulheres e meninas em todo o mundo tenham as mesmas oportunidades que homens e meninos têm para realizar seu potencial. Ela explica por que: “por meio do esporte, as mulheres e meninas podem desafiar as normas sociais e estereótipos de gênero, aumentar sua autoestima, desenvolver habilidades de liderança, melhorar sua saúde. O esporte me deu oportunidade de ajudar minha família, conhecer outras pessoas, visitar outros países, experimentar outras culturas e respeitar as diferenças” (SILVA, Marta at. Nações Unidas Brasil, 2019).

O modo que essa temática tem ganhado espaço no esporte é válido para enfatizar os processos tomados pelas atletas para reverter essas situações adversas que o mercado financeiro vem determinando contra elas. Isto inclui a divulgação de conteúdos vulgares e críticas vindas da mídia e demais veículos de comunicação, que por sua vez, atuam de maneira informal e desvalorizada, sendo necessário com urgência segmentos para o apoio dado as atletas e as mulheres que desejam ingressar no polo esportivo. Assim, problemas como impasses estruturais e socioeconômicos diante a evolução e pressão delas nos esportes podem ser evitados, também direcionando a força destinada a elas pela sociedade e pelas carreiras vencedoras.

Considerando-se que uma maior exposição na mídia pode criar imagens positivas que ajudem na captação de recursos e patrocínios valiosos e duradouros, essenciais para a sobrevivência do atleta; que esta mesma visibilidade pode influenciar positivamente crianças e jovens a se envolverem de forma sadia nas práticas esportivas; e que a mulher, ao adentrar no campo esportivo deveria ser portadora dos mesmos direitos e de igual tratamento por parte da mídia que o homem - torna-se de suma importância observar e refletir como a mídia brasileira tem se comportado em relação à participação feminina no esporte, no sentido de apresentar dados que espelhem com clareza esta relação, ainda controversa, entre a presença da mulher no esporte de rendimento e a cobertura da imprensa (SOUZA, Juliana; KNIJNIK, Jorge. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, n.1, 2007, p.36).

Tabela 1 - Número de reportagens e percentuais sobre o total de matérias em agosto-setembro/2002 e fevereiro e março/ 2003.

	Agosto/Setembro	Fevereiro	Março
Homens	689 – 85,16%	503 – 88,4%	657 – 87,95%
Mulheres	93 – 11,49%	23 – 4,04%	35 – 4,68%
Neutros	27 – 3,33%	43 – 7,55%	55 – 7,36%

Fonte: (Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.21, n.1, p.41, jan./mar. 2007)

Tabela 2 - Média em número de palavras por reportagem em três meses analisados.

	Agosto/Setembro	Fevereiro	Março
Homens	212,2	246	215,3
Mulheres	138	32,4	78,7
Neutras	69,4	116,4	213,5

Fonte: (Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.21, n.1, p.42, jan./mar. 2007).

Com relação ao preconceito, o mesmo se exemplifica na vida de Marta, jogadora de futebol da seleção Brasileira, que em 2015 ultrapassou o “Rei Pelé” em números de gols feitos por jogos oficiais da Seleção, atingindo a marca de 98 gols contra 95 de Pelé (ESPN, 2015). Mesmo assim, o preconceito contra as atletas e

profissionais da área ainda é muito presente. Também, com o grande número de feitos e conquistas de atletas, a visibilidade e credibilidade delas é colocada diariamente em debate apenas pelo seu gênero.

Os reflexos perante a lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, constado em vigor que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (VARGAS, Getúlio, Constituição. **Capítulo IX: Disposições gerais e transitórias**, art.54, 1941), em que perante a mesma, mostrou que a luta por igualdade de gênero seria ferrenha, feroz.

Não era aceito que mulheres participassem de qualquer atividade esportiva, com o argumento de que sua natureza não permitiria, tinham ossos mais fracos, menos glóbulos vermelhos, e uma grande quantidade de desculpas para que elas continuassem como belas donas do lar. Entretanto com muita garra e luta, em 1996 nos EUA durante as Olimpíadas de Atlanta ocorreu uma mostra do poder feminino no esporte:

O gol que Sissi marcou contra a Alemanha pegou todo mundo de surpresa. A campanha do Brasil nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, corria melhor que a encomenda: após uma vitória contra o Japão e um surpreendente empate com a Noruega, atual campeã mundial, bastava repetir o resultado contra as poderosas alemãs para avançar à fase mata-mata do torneio. Coube à craque de cabelo raspado, que vestia a camisa 10 da seleção antes de Marta, garantir o placar de 1 a 1 e carimbar a vaga para as semifinais. Só que isso criou um problema gigante para a CBF. Tudo porque o voo comercial que traria a delegação feminina de volta ao Brasil já estava marcado – para antes do término da competição. Nem os dirigentes acreditavam que as canarinhas superariam a fase de grupos. “A gente só foi descobrir isso depois do jogo”, lembra Sissi. (ELER. Guilherme apud LIMA, Sisleide, 2019)

Na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, a seleção Norte Americana se consagrou tetra campeã mundial, com uma trajetória implacável e simplesmente perfeita, com resultados surpreendentes, sendo um deles a maior goleada em todas as edições do campeonato, aplicada no jogo contra a seleção Tailandesa com o placar de 13 a 0. Contudo, mesmo com tantas consagrações, tendo maior visibilidade, desempenho, títulos e marketing esportivo no futebol de campo, as jogadoras dos EUA sofrem com as barreiras do mercado, que tem por responsáveis as instituições que organizam e gerenciam a modalidade no país, assim como em demais países do

mundo. Em consequência desses problemas recentes e contínuos, as atletas se juntaram para compreender a ideologia em comparação as mulheres, porque:

[...] se o pagamento igualitário não é garantido com a entrega de resultados, vira questão de Justiça. Na tentativa de exigir salários paritários, a goleira Hope Solo e a atacante Alex Morgan, com as companheiras Carli Lloyd, Megan Rapinoe e Rebecca Sauerbrunn — cinco das principais jogadoras da seleção feminina de futebol dos Estados Unidos —, entraram ontem com uma ação contra a entidade responsável pela modalidade no país”.

Os processos de integração nesse espaço eclético e diversificado (universo feminino no esporte), partem desde a infância até a fase de transição entre a adolescência e a vida como adultos, que em função dos esportes adquirem um amadurecimento progressivo perante todas as interferências que ocorrem durante a carreira das atletas. No entanto, consequência as mesmas ao verem e sentirem de perto essa etapa que a vida esportiva condiciona a elas, uma grande margem desiste ou abandona o mundo dos esportes por motivos sociais, financeiros e particulares perante a vasta desigualdade no posicionamento mercadológico. Em comparação as condições adversas e problemas vivenciados pelas mulheres no mercado de trabalho, é respaldado que no Brasil:

O acesso à educação está amplamente garantido às mulheres brasileiras, estando elas em maior número no ensino superior. O percentual de mulheres entre 18 e 24 anos que cursam o ensino superior é mais elevado do que o de homens: 21,7% das mulheres e 15,4% dos homens. No entanto, os dados sobre o mercado de trabalho são desfavoráveis às mulheres, revelando uma estrutura de desigualdades presente em outras esferas da vida social. No mercado de trabalho, houve uma redução das desigualdades entre homens e mulheres entre 2005 e 2015; no entanto, as mulheres ainda recebem, em média, 76% do rendimento dos homens. No que se refere à ocupação de cargos de gerência ou direção, desigualdades são maiores. Em 2015, do total de pessoas inseridas no mercado de trabalho com 25 anos ou mais de idade, havia uma proporção de 6,2% de homens ocupando esses cargos, ao passo que, no caso das mulheres, essa proporção era de 4,7%. Além de haver um menor número de mulheres ocupando esses cargos, a desigualdade salarial é mais elevada, visto que as mulheres nessa posição recebiam, em média, 68% do rendimento médio dos homens em 2015 (IBGE, 2016a apud ALTMANN, Helena, 2017, p.10-11).

As principais revoltas e contestações feitas pelas mulheres, sendo atletas ou não, mas que fazem parte do mercado de trabalho, é a busca pelo reconhecimento por suas lutas, suas vitórias, suas conquistas, suas glórias e principalmente sua trajetória, porque perante esse olhar, é possível visualizar o que se passa na vida de todas elas. As guerreiras e batalhadoras do cotidiano impõem um patamar exemplar

para a população e demais pessoas que tem interesse de fazer parte e exercer uma profissão voltada ao esporte. Todavia, os fatos precedentes demonstram que a caminhada tem avançado, mas não o suficiente para atingir todos os objetivos almejados, causa disso é a infraestrutura, descriminalização, e falta de participação governamental com leis e decretos perante os requisitos solicitados e exigidos pelas mulheres que têm direito a defesa e garantia contra os princípios misóginos.

As mulheres tiveram que lutar muito para assegurar um espaço no mundo dos esportes: desde o prestígio hierárquico dos homens, passando pela relativa menor exposição das mulheres esportistas pela mídia, e pelas premiações mais baixas que as atletas de ponta recebem em relação aos homens; chegando a menor participação das mulheres em eventos esportivos como os Jogos Olímpicos. O “status” dessas mulheres continua sendo marginal. Ideologias poderosas que questionam a feminilidade e orientação sexual das atletas permanecem sendo mobilizadas contra as atletas até os dias de hoje (DUNNING & MAGUIRE, 1996 apud SOUZA, Juliana; KNIJNIK, Jorge. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.21, n.1, 2007, p.38).

A progressão das mulheres no mundo esportivo tem sendo citada em vários veículos de comunicação ou de mídia social desde a virada do século XIX, ganhando força e reconhecimento mesmo após os Jogos Olímpicos de Londres em 2012, em que em todas as modalidades obteve-se a presença das mulheres, incluindo aqueles esportes com presença de ambos os sexos, como: natação, tênis, badminton e tênis de mesa. Esse crescimento é decorrente pelo avanço tomado por iniciativa das mulheres que recorrem pela busca de inclusão no mercado de trabalho, tal como as atletas na luta pelo respeito, reconhecimento e igualdade em correlação à forma que se é dirigida e tratada ao universo esportivo diante todas as condições e modo de estabilidade financeira e econômica dos atletas homens, assim como, a maneira que o cenário mercadológico vê e reage, sendo imparcial e preconceituoso.

É possível identificar a existência de mulheres competindo em várias modalidades já na transição do século XIX para o XX, principalmente na elite, uma vez que o esporte era reconhecido como um símbolo de modernidade e status social. Ainda assim, a primeira aparição de uma brasileira nos Jogos Olímpicos aconteceu apenas em 1932 e as primeiras medalhas foram conquistadas muito posteriormente, no ano de 1996. Ou seja, houve uma lacuna de 64 anos para que surgissem os primeiros resultados olímpicos o que parece indicar que as mulheres se depararam com situações por vezes adversas a uma boa preparação para enfrentar competições dessa natureza. Este resultado tardio é revelador de algumas restrições vividas pelas mulheres, inclusive, aquelas decorrentes da criação do Decreto-Lei nº 3199 que as proibiu de participarem de algumas modalidades esportivas entre as décadas de 1940 e 1970 tais como o futebol, o polo, polo aquático,

halterofilismo, beisebol, entre outras (GOELLNER, Silvana. **Revista do observatório Brasil da igualdade de gênero**. ISSN 2179-4545, Ano II – Número 4, 2012, p.73).

A complexidade dessas condições adversas traz relatos e fatos que são passíveis de julgamento criminal e punição por meio de multas, em que a natureza dessas atitudes é determinada perante as ações e métodos misóginos compactuados por quem abusa e agride os direitos humanitários e femininos das mulheres, tentando ferir e denegrir as estruturas sociais e profissionais daquelas que estão sendo destaque e se consagrando e progredindo em suas carreiras e na presença entre a população.

O esporte tem por consequência um leque de discordâncias devido à evolução que o mundo tem passado, a validação das exigências tomadas pelas mulheres trabalhadoras e aquelas que se envolvem diretamente com atividades ligada ao esporte, o que gera conflitos de interesses e econômicos nas áreas de atuação. Ainda assim, em conformidade com o documentário publicado no site do globo esporte:

Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas é um dos dezessete objetivos para o desenvolvimento sustentável de acordo com a cúpula das Nações Unidas. O esporte e a educação são ferramentas poderosas, mas o respeito certamente é a base de todo esse processo (FARIA, Lívia. Globo Esporte, Rio de Janeiro, 2019).

A disparidade entre atletas do sexo feminino e masculino no que tange a valores, é fator de desavença e discriminação por parte do mercado, pois há ainda uma supervalorização pelo que é disputado pelo sexo masculino, tendo em vista que culturalmente ao longo dos anos a TV aberta divulga e difunde em larga escala competições de moldes que favorecem aos homens, acreditando que as mulheres não demonstram interesse por esportes e sim por receitas de bolo (à grosso modo). Fazem-se necessários investimentos e incentivos, tanto da iniciativa pública quanto da privada, valorizando mais o universo esportivo feminino através de uma maior publicidade, melhores salários, bonificações, trabalhando desde cedo a cultura de normatividade para a participação e valorização feminina.

Este princípio consiste no entendimento e na transformação do esporte como meio para uma educação emancipatória que se baseia no conhecimento, no esclarecimento e na autorreflexão crítica para superar o modelo de esporte, atualmente difundido, em que prevalece a exclusão, a violência, o sexismo, o elitismo e a influência e imposição de modelos pela mídia. Portanto, a autonomia constitui-se na capacidade dos atores sociais em analisar, avaliar,

decidir, promover e organizar a sua participação e de outros nas diversas práticas esportivas. Garantir-se-á o poder emancipatório e de estímulo à cidadania através do esporte a partir da valorização e do comprometimento dos municípios (IEE, Instituição Esporte & Educação. Princípios pedagógicos. **RUMO À AUTONOMIA**, 2014).

O reconhecimento das lutas, vitórias, participação no esporte e no dia a dia por parte das mulheres, são temas de debates ao longo dos anos gerando muitos conflitos. O financeiro no mercado feminino é diferenciado em favor dos homens, o reconhecimento é maior por feitos masculinos, atualmente o cenário vem mudando a passos curtos, tanto no mercado convencional quanto no esportivo. A mídia vem compreendendo que cresceu o interesse principalmente por parte dos jovens na prática esportiva, e divulgando com maior frequência atletas do sexo feminino disputando alguns campeonatos, como por exemplo o UFC promovido por Norte Americanos. Portanto, é necessário maior divulgação, para que novos patrocinadores tenham interesse em apoiar e incentivar através de recursos financeiros.

É interessante notar a importância da mulher no contexto esportivo pelos inúmeros fatores que fizeram evoluir junto a ela, a exemplo das revoluções feministas, do crescimento econômico, da participação na política e a busca pelos seus ideais (mercado de trabalho, inserção no esporte, etc). É possível notar que as conquistas femininas não aconteceram apenas no setor esportivo, mas no contexto social como um todo, possibilitando novas pesquisas acerca da mulher fora e dentro das quatro linhas. São estudos que, além de mostrar que a supremacia masculina perpetuada ao longo dos anos na sociedade espaços mais democráticos, vão se estruturando e, que as mudanças foram essenciais para evolução em todas as classes sociais (SANTANA, Daiane; SILVA, Grasiela. **O papel da mulher dentro do contexto esportivo: uma análise a partir do futebol**, 2015, p.9).

As decisões das cortes arbitrais de desportos, assim como, a união entre os comitês e organizações esportivas de todos os países, devem sedimentar medidas para que haja a estabilidade e controle da situação sobre a metodologia financeira, a desigualdade de gênero, preconceitos e até mesmo o machismo, ainda presente e recorrente no século XXI em diversas modalidades esportivas. Esses problemas precisam passar por ajustes e correções, mas é preciso ter no meio dessa tomada de novas decisões que tendem a ser regidas por lei, a presença de mulheres, sendo elas atletas ou mesmo as principais representantes empresariais, para que haja conhecimento e seriedade perante as mudanças a serem editadas, colocando as diretrizes corretas sobre o que é necessário e exigido pelas mulheres trabalhadoras,

em qualquer profissão que exerçam, dentro ou fora do mundo esportivo. No Brasil, segundo reportagem feita pelo Globo Esporte.

Entrou em vigor em Teresina - PI uma lei que vai ajudar a equalizar as diferenças entre homens e mulheres no segmento esportivo. Foi sancionada e publicada no Diário Oficial do Município a Lei Nº 5.419 que proíbe, a partir de agora, toda e qualquer diferença em premiações em dinheiro oferecidas a atletas de ambos os gêneros. A proposta foi aprovada pela Câmara de Vereadores e sancionada pelo prefeito Firmino Filho (Globoesporte.com. **Piau TV Clube**, Teresina – PI, 2019)

No futebol, as referências têm foco principalmente entre as estrelas Lionel Messi e Marta, sendo estes os maiores e melhores jogadores de futebol por sexo da história, em que cada um detém seis títulos de melhores do mundo. Com o apoio do público e da visibilidade que as atletas trazem ao estarem jogando, a possibilidade das mulheres terem seus direitos concedidos e aceitos por toda a sociedade global, seja ela esportiva, futebolística, empresarial, comunitária e institucional. Para que essas adversidades sejam minimizadas, é preciso elaborar um planejamento de marketing e administrativo entre organizações e atletas, porque em comparação a esses métodos que envolvem o futebol feminino, de acordo com o jornalista especializado em negócios no esporte do Globo Esporte:

O que importa nesta história toda é como tirar o futebol feminino deste círculo vicioso, em que não há investimento porque não há público, e não há público porque não tem investimento. Pois é precisamente aí que comparações simplórias e a militância superficial, interessada em ganhar curtidas com hashtags e slogans, tendem a atrapalhar mais do que contribuir. O futebol feminino precisa de calendário e competições estáveis para se planejar, precisa de transmissões via streaming para encontrar e cativar seu público, precisa de pessoas capacitadas para transformar a presença deste público em dinheiro. Campanhas publicitárias e virais nas redes sociais só conseguirão deixar algum legado se houver clareza no diagnóstico e propósito na demanda (CAPELO, Rodrigo. **Blog do Rodrigo Capelo**. Globo Esporte, São Paulo, 2019).

Eventos esportivos crescem constantemente e caem nas graças da população por conta da quantidade de modalidades que é apresentado a cada competição ou campeonato. Os Jogos Olímpicos são um dos principais veículos que contém, propõe, transmite e retrata essa realidade, Entre Rio-2016 e Tóquio-2020, obteve-se a implementação de mais esportes no que é o maior evento esportivo do planeta. Com isso, é esperado ver uma grande presença de mulheres já como fator de maioria, principalmente no quadro de medalhas e nos resultados mais eficientes, e com maior foco da mídia jornalística e dos portais esportivos de comunicação.

Diante da pressão moderna em torno da aparência e do peso corporal, a qual atinge sobremaneira as mulheres, experiências corporais podem possibilitar relações com o corpo que não se restrinjam a sua apresentação estética, mas que proporcionem outras sensações, sentimentos e desafios relacionados às características específicas de cada atividade. Tais aspectos favorecem a consolidação do interesse e da valorização das atividades físicas e esportivas, gerando bem-estar e favorecendo uma vida saudável. Nessa perspectiva, a vinculação de imagens e histórias de mulheres com formas corporais variadas, que não exclusivamente magras ou de musculatura delineada, fazendo exercícios pode promover a propagação da ideia de que a prática de atividades físicas e esportivas é para todas(os) (ALTMANN, Helena, **Atividades físicas e esportivas e Mulheres no Brasil**, PNUD., 2017, p. 31).

A notável edição da Copa do Mundo Feminina de 2019 por sua vez trouxe consigo essas expectativas a serem consideradas já como realidade, sendo que durante todo o campeonato a procura pelas pessoas para estarem assistindo ou buscando saber resultados dos jogos bateu recordes que nem o futebol masculino alcançou. A jogadora Marta e juntamente com outras atletas de vários países na disputa usaram o seu marketing pessoal como ferramenta para impor suas manifestações perante a desigualdade socioeconômica que os esportes trazem para o sexo feminino. Marta usou chuteiras pretas, sem patrocínio e com uma bandeira azul e rosa, mostrando o sinal que as mulheres merecem respeito e serem vistas como profissionais e atletas em igualdade aos homens, com os mesmos direitos e condições monetárias no mercado esportivo e de trabalho.

Entre muitos torcedores brasileiros, há um entendimento de que um jogador que usa chuteiras pretas é "raiz" e merece respeito. Com a exceção de um símbolo azul e rosa que faz parte de uma campanha pela igualdade de gênero chamada Go Equal, Marta usou calçados pretos e sem patrocinadores esportivos na última quinta-feira (13), na derrota do Brasil para a Austrália por 3 a 2. Após a partida, o empresário da camisa 10 confirmou que ela não tem patrocínio de nenhum fornecedor esportivo, porque não houve uma proposta que fosse considerada à altura do que Marta representa para o futebol mundial. Por esse e outros motivos, ela comemorou seu gol de pênalti pedindo por igualdade no esporte (Folhapress, 2019).

Mesmo em tempos contemporâneos, não é difícil encontrar esportes que de uma forma velada segregam as mulheres nas competições, seja pelo estereótipo feminino de que as mulheres não gostam de se sujar ou por que não possuem força física e nem "estômago" para enfrentar as mesmas. Exemplos decorrentes deste fato são: "Na Inglaterra, homens carregam barris em chamas para competir. O evento

surgiu no século 17 e acontece em novembro. O objetivo é correr o máximo que conseguir carregando os objetos (com luvas)” (CARVALHO, Luis, 2018).

Em agosto, os russos enfrentam as águas geladas do rio Vuoksa para nadar com suas bonecas infláveis e tentar chegar o mais rápido possível ao outro lado da margem sem perder o brinqueado erótico, e pesquisando não é difícil encontrar mais exemplos, que a princípio soam em tom de brincadeira, porém subentendido ocorre a diferenciação entre o que os homens podem praticar e as mulheres não.

Você carregaria sua própria esposa nas costas por um prêmio de dar inveja? Colocaria toda sua força a prova cortando lenha durante um dia inteiro? Apostaria corrida em um dos veículos mais improváveis? Se sua resposta for sim, essas competições foram feitas para homens como você. Do contrário, é melhor ficar só no futebol de botão mesmo (CARVALHO, Luis, 2018).

É notável que a desigualdade socioeconômica entre os sexos necessite passar por uma grande reforma, eliminando e represando ações e determinações que são impostas ou exercidas nos tempos modernos, em que o ser feminino tem seus direitos sociais e trabalhistas, onde a luta por igualdade de gênero vai além da busca por espaço na sociedade, entrando afundo e com foco na mulher trabalhadora. Nesse caso, ressaltando as atletas, que por sua vez, dedicam uma vida para poder conquistar e obter frutos com resultados e desempenhos vencedores, em que são reconhecidos pelas batalhas e vitória, vindo de todo um esforço físico e psicológico para enfrentar as adversidades e preconceitos que são presentes na trajetória esportiva delas.

OBJETO DE PESQUISA

Desenvolvimento e valorização mercadológica sob as condições socioeconômicas impostas para as mulheres nos esportes no mundo moderno.

PROBLEMA DE PESQUISA

Conforme a evolução do mundo acontece, e vivencia-se também as diferenças e dificuldades socioeconômicas no mercado esportivo no universo feminino, torna-se necessário passar por métodos e processos de reestruturação no ambiente político e financeiro das principais empresas, marcas, instituições, comitês, conselhos e organizações responsáveis pela existência dos esportes e suas devidas modalidades, sendo assim, pergunta-se:

Como estruturar indicadores mercadológicos e profissionais que favoreçam as mulheres atletas na luta por inclusão e igualdade de gênero nas relações de trabalho no ambiente esportivo?

OBJETIVO GERAL

Estruturar indicadores mercadológicos e profissionais que favoreçam as mulheres atletas na luta por inclusão e igualdade de gênero nas relações de trabalho no ambiente esportivo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Demonstrar os principais fatores socioeconômicos no mercado esportivo no universo feminino que levam a desigualdade de gênero e profissional;
- Apresentar as condições mercadológicas nos esportes praticados pelas mulheres e sua importância perante a evolução da presença feminina como atletas em várias modalidades esportivas;
- Buscar a justificativa sob as diferenças astronômicas no setor financeiro e social dos atletas do sexo masculino perante o sexo feminino;
- Analisar possíveis métodos inovadores e eficientes que possam criar uma mobilização global com o aceite da presença das mulheres com atletas, dando a elas seu devido reconhecimento, valor, espaço e respeito no mundo dos esportes;
- Elaborar avaliações de pesquisa social voltadas à integração da mulher diante o mercado financeiro do esporte e suas devidas restrições, políticas e regras irregulares e imparciais;
- Valorizar a presença feminina no polo esportivo, ressaltando sempre sua importância e sua determinação, sendo fruto de grandes resultados e conquistas;
- Mostrar que a mulher tem seus direitos, seu espaço, sua carreira, seus talentos e é independente de qualquer pessoa e capaz de superar e vencer os preconceitos e adversidades sociais diante sua profissão, em que não é preciso ter uma beleza e estética corporal atrativa para conseguir ser reconhecida e valorizada;
- Definir soluções plausíveis e éticas, advindas por meio de projetos e movimentos que envolvam o mundo esportivo em prol do fim da desigualdade de gênero, social e profissional que ocorre em diversas modalidades de esporte exercidos pelas mulheres.

HIPÓTESE

A estruturação de indicadores mercadológicos e profissionais direcionados ao favorecimento das mulheres atletas na luta por inclusão e igualdade de gênero nas relações de trabalho, no ambiente esportivo, é possível. Tal consideração hipotética se justifica a partir do que defende Goellner (2014, p.18), na Revista do Observatório Brasil por igualdade de gênero: mulheres no esporte, expressado na citação abaixo tomada como marco teórico dessa pesquisa:

Considerando que o esporte é um campo de disputas e de significação, torna-se necessário buscar estratégias para romper com as representações que ao longo do tempo foram conferindo às mulheres um papel menor na história do esporte internacional. Ressaltar seu protagonismo e registrar suas histórias são primeiros passos, pois colaboram para retirar do ostracismo pessoas que investem suas vidas em prol da consolidação de um sonho, uma meta ou um desejo. Significa reconhecer que o esporte é um direito de quem dele deseja participar, independentemente de sexo, gênero, classe social, credo religioso, geração e capacidade física. A miopia prevalente em relação à presença das mulheres no esporte, em suas mais diferentes manifestações, resulta de representações culturais há muito arraigadas em nossa sociedade. Urge desconstruí-las, o que requer conhecimento, sensibilidade e intencionalidade política. Afinal, há muito elas vivem o esporte como um modo de ser, de se expressar e de conviver. Reconhecer essa presença é tarefa necessária, pois ao se sentirem valorizadas, outras meninas e mulheres vão aderir ao esporte como lazer ou profissão (GOELLNER, Silvana, 2014, p. 18).

A autora ainda ampara a tese que a imprensa converte a visão do esporte em um cenário sob o qual o objetivo é construir a figura estética ideal, na qual os corpos notáveis das mulheres são vistos como formas obrigatórias de representatividade, desde as atletas até as gestoras, em que o preconceito pela aparência física é imposto perante suas profissões e seus desempenhos.

Conseqüentemente, compreende-se que para uma atleta mulher ter espaço e visibilidade mercadológica e socioeconômica é necessário e obrigatório ter devida formosura e perfeição corporal, uma vez que é fator de requerimento de alto investimento e além de possuir peso quanto ao aspecto psicológico e fisiológico das atletas fora das atividades físicas.

Direcionando a essa visão, entende-se que a mídia gera no esporte um espaço imparcial, que não faz com que todos possam ver ou presenciar mais vezes todos os esforços, lesões, dores, exaustão e transpiração. Ainda tem-se a ideologia social criada pela mídia que mesmo sendo atletas, as mulheres são sempre sorridentes, com um rosto bonito e um corpo que é visto como propósito de consumo, desmerecendo

e desrespeitando o espaço profissional e social criado e construído por elas, que contém sentimentos, recursos financeiros, derrotas e vitórias.

METODOLOGIA

O presente estudo estrutura-se pela seleção e adoção das obras que permitirão a construção de conceitos, tais como: a busca das mulheres pela igualdade de gênero no esporte, o preconceito retórico entre a visão machista da sociedade e no ambiente profissional, as adversidades enfrentadas por atletas do sexo feminino em relação às condições socioeconômicas, dificuldades por não terem reconhecimento nem valorização adequada e ampla, além da falta de prestígio diante a cobertura feita pela mídia sob os resultados e conquistas adquiridas pelas atletas. Todavia, se faz importante pesquisa para demonstrar dados e fatos vivenciados no mundo esportivo, uma vez que o problema é direcionado com exclusividade as mulheres diante do desequilíbrio generalizado em vários contextos, principalmente no cenário mercadológico e financeiro.

Ainda nessa direção se impõe o valor das procuras pela internet, sendo grande a oferta de artigos, estudo de casos, relatórios, revistas, dissertações e teses sobre a presença da mulher no esporte, sobre os problemas e imparcialidades existentes pelo mercado financeiro com as mulheres no mundo esportivo e a relevância do impacto gerado com os movimentos e projetos revolucionários, Estes determinam as ações a serem tomadas desde os gerentes até as atletas em prol de mudar a presente realidade, assim como NBR's relacionadas : 6023, 6022 e 14724, seguindo junto com a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) os procedimentos detalhados da pesquisa, com as fontes, referencias e bibliografias citadas e anexadas.

Um intenso exercício de síntese será necessário e resultante das análises que serão aplicadas aos seguintes elementos e/ou contextos: as desigualdades de gênero desfavoráveis às mulheres no mundo esportivo, a falta de visibilidade da mídia diante as atletas e seu impacto no esporte, e a busca estratégica para quebrar as execuções organizacionais e atléticas que com passar do tempo, estiveram conferindo às mulheres um papel menor na história do esporte internacional.

Durante os fundamentos e conteúdos analisados na pesquisa, foi visualizada a existência de pressupostos que relatam a luta constante pelo reconhecimento da mídia e da sociedade esportiva que vem trazendo resultados, mesmo que sejam poucos e tardios. As mudanças de hábitos e costumes juntamente com o impacto que as atletas causam, com o vigor físico e fatores psicológicos, com o passar dos anos

apontaram as forças que o poder feminino tem para superar e vencer os obstáculos que são impostos, sendo com resultados, conquistas, prêmios, desempenho e determinação. Como consequência, novos patamares na busca de obter sucessos no mundo das negociações do esporte voltado as mulheres foram gerados.

A Monografia foi pensada pela redação de “três” capítulos.

No primeiro, intitulado “As condições mercadológicas nos esportes feminino”, serão abordados os seguintes temas: os fatores socioeconômicos no mercado esportivo no universo feminino, e as diferenças astronômicas no setor financeiro entre os sexos, seguindo as diretrizes dos princípios que os problemas que envolvem a administração e sistema financeiro do esporte, tal como o mercado esportivo no universo feminino.

A procedência no segundo será destinado a falar das metodologias e aplicações que as instituições de esportes obtêm como planos. Deste modo, possui o título “Métodos inovadores e eficientes na mobilização desportiva”, e a versão recairá sobre a valorização da presença das mulheres no esporte, além de criará uma avaliação de pesquisa social sob a integração da mulher no mercado esportivo mundialmente.

De acordo com as estruturas elaboradas nos capítulos anteriores, no terceiro capítulo, cujo título é “Projetos e movimentos contra a desigualdade de gênero nos esportes”, em que o contexto da redação servirá aos pontos chave da monografia, abreviar-se a, a tese com a versão dos consecutivos elementos de pesquisa: os direitos e reconhecimentos das mulheres no mundo esportivo, a análise de viabilidade financeira no universo feminino em tempos modernos, perante os preconceitos e desigualdades empresariais no esporte, e condições adversas e falta oportunidade de carreira para as atletas no meio esportivo.

ÍNDICE HIPOTÉTICO

INTRODUÇÃO

CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS

1 – AS CONDIÇÕES MERCADOLÓGICAS NOS ESPORTES FEMININOS

1.1 – Os fatores socioeconômicos no mercado esportivo no universo feminino

1.2 – As diferenças astronômicas no setor financeiro entre os sexos

2 – MÉTODOS INOVADORES E EFICIENTES NA MOBILIZAÇÃO DESPORTIVA

2.1 – Valorização da presença das mulheres no esporte

2.2 – Avaliação de pesquisa social sob a integração da mulher no mercado esportivo mundialmente

3 – PROJETOS E MOVIMENTOS CONTRA A DESIGUALDADE DE GÊNERO NOS ESPORTES

3.1 – Os direitos e reconhecimentos das mulheres no mundo esportivo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

LIVROS, TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS

ALTMANN, H. **Atividades físicas e esportivas e Mulheres do Brasil**. Unicamp. São Paulo, p. 10-11; p. 15; p. 31. 2017.

CAPITANIO, A. M. **MULHER, GÊNERO E ESPORTE: A ANÁLISE DA AUTO-PERCEPÇÃO DAS DESIGUALDADES**. 1. ed. São Paulo: Catálogo USP, v. 1, 2005.

DEVIDE, F. P. **Gênero e Mulheres no Esporte**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, v. 1, 2005.

DRINKWATER, B. **Mulheres no Esporte**. 1. ed. São Paulo: Gunaraba Koogan, v. 8, 2008.

FRASCARELI, L. **Interfaces entre Psicologia e Esporte: sobre o sentido de ser atleta**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 10. 2018.

FRASCARELI, L. **Interfaces entre Psicologia e Esporte: sobre o sentido de ser atleta**. Instituição de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 52. 2018.

GOMES, E. M. D. P. **A Participação das Mulheres na Gestão do Esporte Brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Quartet, v. 1, 2008.

KNIJINIK, J. D. **Gênero e Esporte: masculinidade e feminilidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, v. 1, 2010.

MAIA, M. **“MULHERES OLÍMPICAS”**: APROXIMAÇÕES COM A TEORIA FEMINISTA DO CINEMA. Porto Alegre: Mayara, p. 1-122, 2017.

RIBEIRO, B. et al. **Evolução histórica das mulheres nos Jogos Olímpicos**. Univap. Paraíba, p. 1. 2013.

RODRIGUES, C. **A mulher atleta: feminilidade e desvalorização. Uma breve revisão**. UFRGS. Porto Alegre, p. 1. 2015.

SIMÕES, A. C. **Mulheres e Esporte: mitos e verdades**. 1. ed. São Paulo: MANOLE SAUDE, v. 1, 2002.

SIMÕES, A. C. **O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte: Comportamento, Gênero, Desempenho**. 1. ed. São Paulo: Aleph, v. 1, 2004.

SPESSOTO, R. **Futebol Profissional e Administração Profissional: da prática amadorista à gestão competitiva**. Universidade de Brasília. Brasília, p. 1-141. 2008.

VARGAS, Getúlio. Constituição. **Capítulo IX: Disposições gerais e transitórias**, art.54, 1941.

YAEGASHI, S. S. **O envolvimento da mulher no esporte**. UFPR. Curitiba, p. 1-36. 2006.

REVISTAS E JORNAIS

GOELLNER, S. MULHER E ESPORTE NO BRASIL: ENTRE INCENTIVOS E INTERDIÇÕES ELAS FAZEM HISTÓRIA. **Pensar a prática**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, S. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, Brasília, v. 2, n. 4, p. 1-3, 2012.

GOELLNER, S. Mulheres no Esporte. **Revista do Observatório Brasil da igualdade de gênero. Mulheres no esporte.**, Brasília, v. 4, n. 6, p. 18, Dezembro 2014.

MARTINS, L.; MORAES, L. O FUTEBOL FEMININO E SUA INSERÇÃO NA MÍDIA: A DIFERENÇA QUE FAZ UMA MEDALHA DE PRATA. **Pensar a prática**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007.

MENICUCCI, E. Mulheres no Esporte. **Revista Observatório Brasil da igualdade de gênero**, Brasília, v. 4, n. 6, p. 8, Dezembro 2014.

PIERRO, C. D. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 3, Dezembro 2007.

SANTANTA, D.; SILVA, G. O PAPEL DA MULHER DENTRO DO CONTEXTO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FUTEBOL. **Encontro Internacional de**

Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, Sergipe, v. 8, n. 1, p. 9, 2015.

SOUZA, J.; KNIJNIK, J. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física de Esportes**, São Paulo, v. 21, n. 1, janeiro/março 2007.

ARTIGOS DE INTERNET

ANNUNZIATO, F.; MENON, L. Reflexões acerca do papel da mulher na liderança esportiva. **EFDeportes.com**, 2011. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=eflex%C3%B5es+acerca+do+papel+da+mulher+na+lideran%C3%A7a+esportiva&oq=eflex%C3%B5es+acerca+do+papel+da+mulher+na+lideran%C3%A7a+esportiva&aqs=chrome.69i57.825j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

BACKUP1000. TEMA: AS DIFICULDADES NA INCLUSÃO DA MULHER NO ESPORTE. **Projeto Redação nota 1000**, 2018. Disponível em: <<https://www.projetedacaonota1000.com.br/tema-as-dificuldades-na-inclusao-da-mulher-no-esporte-t2420.html>>. Acesso em: 10 mar. 2020

CARVALHO, L. Competições de macho ao redor do mundo. **Terra**, 2018. Disponível em: https://www.areah.com.br/vip/esportes/materia/173378/1/pagina_1/competicoes-de-macho-ao-redor-do-mundo.aspx>. Acesso em: 15 mar. 2020.

ELER, G. A ascensão do futebol feminino. **Super Interessante**, 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/especiais/a-vez-do-futebol-feminino/>>. Acesso em: 21 mar. 2020.

ESPN. Marta supera Pelé e vira a maior artilheira da história da seleção. **ESPN.com.br**, 2015. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/563554_marta-supera-pele-e-vira-a-maior-artilheira-da-historia-da-selecao>. Acesso em: 13 mar. 2020.

ESPORTIVA, G. Estados Unidos aplicam goleada histórica na estreia da Copa do Mundo Feminina. **Gazeta Esportiva**, 2019. Disponível em:

<<https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/copa-do-mundo-feminina/estados-unidos-aplica-goleada-historia-na-estreia-da-copa-do-mundo-feminina/>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

FARIA, L. Mulheres no Esporte: o tabu e a história por trás da pouca representatividade feminina. **Globo Esporte**, 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/mulheres-no-esporte-o-tabu-e-a-historia-por-tras-da-pouca-representatividade-feminina.ghtml>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FOLHAPRESS. Saiba por que Marta apontou para sua chuteira ao marcar gol em jogo do Brasil. **Nsc Total**, 2019. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/saiba-por-que-marta-apontou-para-sua-chuteira-ao-marcas-gol-em-jogo-do-brasil>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

GLOBOESPORTE. Lei que proíbe diferença de valor em premiação para mulheres entra em vigor em Teresina. **Globo Esporte**, 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/pi/noticia/por-mais-igualdade-lei-que-proibe-diferenca-de-premiacao-para-mulheres-entra-em-vigor-em-teresina.ghtml>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

IEE. OBJETIVOS DO ESPORTE & EDUCAÇÃO. **Instituição Esporte e Educação**, 2014. Disponível em: <<http://esporteeducacao.org.br/metodologia-iee/>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

MAZOTTE, N. Mulheres recebem menos na maioria dos esportes. **Exame**, 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/mulheres-recebem-menos-na-maioria-dos-esportes/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

OPARANÁ. Maioria no mercado fabricantes miram em produtos esportivos para mulheres. **O Paraná jornal de fato**, 2019. Disponível em: <<https://oparana.com.br/noticia/maioria-no-mercado-fabricantes-miram-em-produtos-esportivos-para-mulheres/>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

PNUD. Marta chama atenção para desigualdade salarial entre homens e mulheres no esporte. **Nações Unidas Brasil**, 2019. Disponível em:

<<https://nacoesunidas.org/marta-chama-atencao-para-desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-no-esporte/>>. Acesso em: 12 mar. 2020.

REDAÇÃO. Homens x Mulheres: a diferença dos \$\$\$ no esporte. **Promoview**, 2018. Disponível em: <<https://www.promoview.com.br/categoria/esportes/homens-x-mulheres-a-diferenca-dos-no-esporte.html>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

RIBEIRO, G. Homens chegam a receber 234 vezes mais que mulheres no esporte. **Mais Esportes**, 2016. Disponível em: <https://www.df.superesportes.com.br/app/noticias/mais-esportes/2016/04/01/noticia_maisesportes,60693/homens-chegam-a-receber-234-vezes-mais-que-mulheres-no-esporte.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

VALDUGA, C.; FILHO, A. Recortes midiáticos: o universo feminino na cultura esportiva brasileira. **EFDeportes.com**, 2011. Disponível em: <[https://www.google.com/search?q=Recortes+midi%C3%A1ticos%3A+o+universo+feminino+na+cultura+esportiva+brasileira&oq=Recortes+midi%C3%A1ticos%3A+o+u niverso+feminino+na+cultura+esportiva+brasileira&aqs=chrome.69i57j69i60.889j0j7 &sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=Recortes+midi%C3%A1ticos%3A+o+universo+feminino+na+cultura+esportiva+brasileira&oq=Recortes+midi%C3%A1ticos%3A+o+universo+feminino+na+cultura+esportiva+brasileira&aqs=chrome.69i57j69i60.889j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>. Acesso em: 25 mar. 2020.